2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 5. QUINTA FEIRA, 8 DE NOVEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INSTRUCÇÃO E CHARIDADE.

69 Ha factos, que parecem de pequena importancia, e que são de grande vulto para se apreciarem as tendencias de uma era qualquer.

A imprensa, sentinella attenta, que não larga nunca a vanguarda da civilisação, quando avista alguns destes factos, deve, sem demora, fazel-o bem conhecido do publico.

Alguns jornaes tem dado noticia de um curso de physica, e algumas prelecções de chimica, tudo leccionado pelo reverendo padre José Illsley, e illustrado por muitas experiencias preparadas pelo Sr. Barão de Alcochete, revertendo o producto de taes lições, em beneficio da Infancia Desvalida dos Cardaes, e das Irmãs da Caridade.

A nação vae ao presente tomando um aspecto novo na sua historia. A iniciativa dos grandes meios de regeneração social parte do paiz. O povo dá provas incontestaveis de que percebe a conveniencia das estradas — e acceita com applauso qualquer alvitre que se refira á sua educação e instrucção. A industria protesta que reconhece quaes são os elementos do seu poder e da sua prosperidade — e appresenta uma exposição que, sendo um facto geral, é um acto de uma associação particular.

O curso a que nos referimos tem uma alta significação em relação ao que fica escripto. A philantropia neste acto converte-se incontestavelmente na caridade.

É o exemplo, que devemos saudar e recommendar ao paiz. Em seguida a elle pódem admirar-se as mais lisongeiras consequencias.

As sciencias naturaes pouco se conhecem em Portugal — nas escholas de instrucção superior aprende-se o que em outras nações se estuda nos collegios. Não é vergonha confessar esta nossa triste posição. A alta sociedade aproveitando o curso, que se annuncia, não deixará de praticar um acto de caridade, adquirindo agradavel instrucção em pontos, que sempre se estudam com muita vantagem.

O povo vendo como as altas classes da sociedade concorrem para um exemplo salutar de instrucção, ha de conhecer a necessidade e vantagem do estudo.

O Sr. Padre José Illsley junta neste curso mais um facto á sua exemplarissima e estudiosa vida, e o Sr. Barão de Alcochete coadjuvando o illustre professor, como preparador, é digno de todo o louvor, e popularisa mais por entre o publico um nome já querido na industria fabril.

Convidamos o maior numero de pessoas para que assistam a este util curso pois que instruindo-se, soccorrem a infancia desamparada, e a evangelica instituição das Irmãs da Caridade.

O curso constará de 10 a 12 prelecções, as quaes se fazem em uma das salas do palacio da rua Formoza n.º 20, — nas segundas e quintas feiras, principiando ás 7 horas da noite. Muitas senhoras distinctas honraram a primeira licção com a sua presença.

Os programmas e bilhetes acham-se na portaria dos inglezinhos e na Rua Formosa. — Preço de um bilhete 480 réis — de tres 1$200 réis.

Temos sempre muita satisfação em dar noticia de acontecimentos, que, por meio de um apertado laço ligam a virtude com a sciencia.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Discurso recitado na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa por occasião de se abrirem as aulas no anno lectivo de 1849 para 1850 — por José Eduardo Magalhães Coutinho.

(Continuado de pag. 41.)

70 As doutrinas physiologicas, supposto que deixem ainda o nosso espirito na incertesa sobre a causa da maior parte dos phenomenos da economia animal, manifestam com tudo na actualidade uma tendencia mais philosophica, e esta é evidentemente o resultado da combinação de todos os elementos que fornecem a Chimica, a Physica, a Botanica e a Zoologia. A analyse chimica e a analyse microscopica, substituem hoje essas explicações arbitrarias, aliás engenhosas, que até agora dominavam na sciencia, porém que se destruiam umas pelas outras attenta a falta do neces-

sario fundamento que só póde achar-se nos factos bem verificados.

A sciencia que, a favor d'uma rigorosa analyse, chegou a comprehender os phenomenos do mundo inorganico, é aquella que um dia chegará a revelar verdades transcendentes ácerca da composição dos seres organicos. É a chimica principalmente que poderá talvez dissipar um dia o mysterio que a Naturesa esconde nas suas metamorphoses.

Admittindo porém que a chimica organica seja a sciencia que tem de influir mais nos destinos da Medicina, não sustentamos com tudo que possamos achar nella já a resolução de todos os problemas.

Tem-se dado exagerado valor á analyse organica, cumpre confessal-o. Ainda ha pouco tempo que lêmos uma memoria sobre a strutura do cerebro e dos nervos, na qual o auctor pertende achar a rasão da intelligencia e da sensibilidade no phosphoro que a analyse chimica demonstra na substancia nervosa! Estas exagerações dão-se a cada passo na historia da rasão humana: são paroxismos por que tem de passar os novos principios que a sciencia não delimitou ainda com precisão.

Mas quem póde mesmo contestar já hoje a utilidade das analyses chimicas das substancias organicas tanto no estado physiologico, como no estado pathologico? Quem tiver conhecimento das experiencias modernas sobre a digestão; quem estiver ao facto das ultimas analyses do sangue, da urina, do pus, da saliva, etc., não terá por inuteis os esforços scientificos dos contemporaneos. As grandes difficuldades destas analyses, particularmente quando se tracta de apreciar rigorosamente a quantidade dos principios, não destroem a sua utilidade; podem os seus resultados ser ainda incompletos; porém quem póde rasoavelmente negar o futuro progresso da Sciencia? O que se sabe já é uma probabilidade desse progresso: — um anno mais e talvez a Sciencia tenha conseguido muito. Se as primeiras difficuldades fossem rasão para estacionar, pouco teriamos adiantado nas artes e nas Sciencias.

A força vital, esta incognita para os physiologistas de todas as épochas, por certo que está muito além das applicações da analyse chimica; porém o modo experimental como ha alguns annos tem sido estudados os centros nervosos, faz-nos acreditar que chegaremos a redusir a principios mais simples tudo quanto ha de vago e de hypothetico na physiologia dos nossos antepassados. Esperemos os resultados da experiencia e da observação e não nos satisfaçamos com fantasticos systemas. Entre a physiologia e a metaphysica devemos levantar insuperavel barreira.

A rigorosa subordinação em que estão as funcções da economia animal aos centros nervosos, torna o estudo destes centros o objecto mais importante a que o medico póde consagrar-se.

As fórmas do systema nervoso nos differentes animaes comparativamente, a structura dos nervos, o mechanismo de suas anastomoses, o modo como terminam, são pontos do mais palpitante interesse anatomico. Os trabalhos de Valentin, Ehrenberg, Rolando, Rudolphi, Treviranus, Muller e muitos outros, dão actualmente a esta parte da anatomia tão grande importancia, que se não podem desconhecer, sem desconhecer tambem as doutrinas physiologicas. Parece-nos pois que nunca tanto como na nossa épocha se reconheceu a necessidade do estudo da anatomia na physiologia.

Ainda que se ignore qual seja a naturesa do principio activo dos nervos, sabemos melhor do que os antigos avaliar as manifestações desse principio. Apesar da grande analogia que se julga existir entre o principio activo dos nervos e a electricidade, analogia que as experiencias parecem confirmar, não ousamos todavia decidil-o formalmente; porque a este respeito tem sido produsidos alguns argumentos dedusidos da experiencia que estão longe de se confirmar. Regeitamos pois por inexacta a designação de phenomenos electro-biologicos, que acabamos de lêr n'um livro inglez para exprimir os phenomenos da sensibilidade, todas as vezes que a esta designação se pertende dar um sentido restricto.

As considerações que precedem confirmam na nossa opinião a rigorosa necessidade dos estudos anatomicos para o medico; porém a anatomia considerada como auxiliar da physiologia, isto é, buscando na organisação ainda palpitante do animal, que se sacrifica ás experiencias, a resolução dos problemas da sciencia, não está tão vulgarisada como desejaramos vel-a. Já em 1839 dizia Magendie nas suas licções de physiologia experimental — *L' anatomie est apprise à la hâte, et plus vite oubliée encore.* Em quanto os estudos anatomicos não acompanharem a physiologia, esta Sciencia dará inevitavelmente no escolho de systemas arbitrarios e a medicina da qual ella é a pedra angular, buscará naturalmente esses principios, cuja deficiencia está hoje sobejamente demonstrada.

Não basta o talento por si só, para comprehender uma Sciencia, cujos progressos estão immediatamente dependentes da observação: suppor é mais facil do que observar; e é desgraçadamente esta tendencia perigosa do talento que mais tem concorrido para retardar o progresso da Sciencia. É preciso oppôr corajosamente á invasão do charlatanismo a sentença de Bacon — *non excogitandum est quid natura faciat, aut sentiat, sed inveniendum.*

O homem que vence as difficuldades que são inherentes aos estudos anatomicos, e consegue achar a explicação de um facto para que sobejam hypotheses, merece mais do que aquelle que no seu gabinete improvisa theorias. A nossa épocha soube tambem reconhecer toda a utilidade dos estudos praticos, para se não deixar arrastar pelas seducções do charlatanismo. Não devemos ter duvida em confessar a nossa ignorancia; porém a ignorancia do homem que estuda, é muito differente da que com fatuidade ostenta aquelle que duvida, sem ter por meio da applicação chegado a sentir a falta de verdadeiros conhecimentos.

Não basta conhecer os resultados da experiencia sobre os livros, é preciso estudar experimentando tambem. Confirmemos ou neguemos os resultados da experiencia alheia, porém confirmemol-as ou neguemol-as experimentando. A rasão porque se não cita a Medicina portugueza, é porque não temos assás de experiencia propria. Quando viveram os Amatos e os Zacutos, isto é, quando os recursos da imaginação davam a medida do saber, a Medicina Portugueza póde ser conhecida fóra do paiz: tivemos medicos sabios;

porque não custava muito ser sabio — bastava saber o o texto de Galeno, e quantos commentarios lhe haviam feito os talentos mais eruditos. Os sabios morreram; é gente que já não existe. Desde o momento em que o primeiro homem negou a auctoridade acabaram os sabios; e em sciencias naturaes a auctoridade não a póde ter um homem, está na reunião dos votos conscienciosos — vêr e crer, são os nossos meios de saber.

A sciencia possue ainda um meio com o auxilio do qual pódem ser observados objectos, que pela sua exiguidade escapão á observaçam ordinaria — fallo do microscopio. Tem-se visto animaes cuja existencia mal poderia suppôr-se; a sua mesma structura se tem estudado. Tomae uma boa lente, e observae o liquido mais cristalino, achareis então myriades de seres que se agitam tumultuariamente, que apesar da sua pequenez são tão perfeitos, tão regulares como o typo da creação — obedecem ás mesmas leis — nascem, vivem, e morrem. — É um mundo como o nosso. Deus na sua eterna sabedoria não pesa menos esse atomo vivo do que o astro do dia.

Por meio do microscopio tem-se estudado a organisação cellular em todos os tecidos. A anatomia geral auxiliada pela analyse microscopica, e chimica, já não é a sciencia de Haller nem de Bichat. A histologia é uma sciencia que nasceu na nossa época, inspirada pelas grandes verdades que as sciencias naturaes tem revelado: os globulos que circulam com os liquidos tem sido tambem cuidadosamente estudados. Os physiologistas já se não limitam a vêl-os, tem chegado a medil-os, a dissecal-os. Finalmente, a analyse microscopica nas suas applicações á pathologia não tem sido esteril. Para dar um exemplo entre muitos, pódem citar-se as doutrinas modernas sobre o cancro. É sabido que até agora os pathologistas confundiam, debaixo da denominação de cancro, tumores de differente naturesa, e tinham o scirro como transição para o cancro, um gráu menos adiantado da mesma doença. A observação manifesta nestas duas doenças caracteres differentes na estructura, que se conservam desde o estado de induração até á ulcera, sem que os que são proprios do scirro, se cheguem a confundir com os da materia encephaloide. O tecido do scirro, e o tecido encephaloide são aquelles que de ordinario constituem o cancro: ha pois cancro scirro, e cancro encephaloide, um não é a consequencia do outro.

E as illusões opticas! (nos dirá alguem).

Não ha objecto que por muito conhecido que seja, nos não possa produzir a illusão, se as suas relações comnosco mudam. A illusão cerca-nos por toda a parte — a historia do homem é um composto de illusões. Que poderiamos ter feito, se por ventura nos não tivessemos exposto á illusão? As nossas relações no universo não teriam sido maiores que as do zoophyto.

Senhores! Temos até aqui diligenciado mostrar como a sciencia tende na actualidade a buscar na observação e na experiencia a rasão dos seus progressos ulteriores. A situação parece-nos ainda transitoria, porque as difficuldades na analyse dos objectos minimos dá ainda contradicção entre os observadores. As vantagens que a medicina pratica tem tirado de tantas locubrações, estão longe de ser ainda plenamente satisfatorias. O tratamento das doenças está ainda muito dependente das indicações que se tiram dos symptomas, e não da natureza da doença que se esconde no intimo das mutações pathologicas, como a vida se esconde tambem na metamorphose da materia organica.

Todas as considerações precedentes tem tambem litteral applicação á cirurgia. Não discutimos aqui a rasão que ha para separar estes dois ramos da mesma sciencia. Tomamos a cirurgia na significação de pathologia externa. É o grande quadro traçado por Boyer, é o Pentatheuco de Fabricio. Essas questiunculas de fóro, ou de nobresa, reputamol-as demasiadamente ridiculas para nos distrahirem neste momento. Conhecemos que á sombra dessas jerarquias medram interesses, e algumas vezes tambem o charlatanismo, porém quando o espirito se entrega ás meditações da sciencia não póde descer tanto que veja esses objectos.

Estudiosos alumnos! Dedicae-vos ao estudo da cirurgia, desta bella sciencia que dá áquelle que a cultiva os meios mais seguros com que possa combater as enfermidades. É difficil e ingrato o seu estudo, porém a segurança nos resultados, e a quasi certesa nas applicações, tornam este estudo agradavel para um espirito recto.

Como sciencia e como arte, a cirurgia exige o exercicio de todas as nossas faculdades. É preciso ser homem de sciencia e artista ao mesmo tempo. É intima a ligação destas duas partes; nem mesmo se póde conceber a sua separação. Os progressos da arte presupoem o aperfeiçoamento da intelligencia. Não seria possivel que a obra da arte tivesse o menor merecimento, se a mão não fosse o instrumento do cerebro. Quando Miguel Angelo, a gloria da escóla de Florença, lançava sobre a tela os traços de uma figura, ou quando o cinzel talhava do marmore essa mesma figura, era menos a mão do que o espirito que fazia o primor da arte. Se simplesmente a imitação servil podesse faser o artista, o espirito mais humilde chegaria facilmente a alcançar a coròa do merecimento: nem existiria aquella volubilidade nas artes que nasce da expressão particular a cada objecto, que muda nesse mesmo objecto, porque a immobilidade repugna com a natureza.

A parte technica da cirurgia acha na sciencia a rasão dos seus progressos. Quando a sciencia era barbara, tambem a arte era barbara. A historia mostra-nos os progressos da arte parallelamente com os progressos da sciencia. E se por ventura na actualidade, a grande revolução de que se vê ameaçada a medicina não ameaça do mesmo modo a cirurgia, é porque as acquisições da sciencia moderna não tem ainda aquelle caracter de estabilidade necessaria para influir na arte. O artista, realisa o pensamento: mas se esse pensamento não tem ainda uma existencia definida; se elle se esvae em tantas mutações, como póde elle ser realisado? A arte é verdadeiramente a medida porque pódem ser afferidos os progressos da sciencia. A applicação deve ser o fim das meditações do espirito. A sciencia que não póde ser pratica, não é sciencia.

Ainda algumas palavras, Senhores. Custa-me proferil-as, porém é uma divida de amisade e respeito que não póde ficar por satisfazer.

A escóla perdeu um dos seus mais dignos professores. O Sr. Joaquim da Rocha Mazarem deu o espirito a Deus no dia 21 de Abril de 1849. — Havia quasi trinta annos que exercia o magisterio!

A todos surprehendeu a sua morte, posto que se devesse esperar na edade adiantada em que estava; porém surprehendeu, porque o ancião tinha ainda a intelligencia da mocidade.

Quando Pericles fazia o elogio dos cidadãos que tinham morrido pela patria, o povo atheniense não sentia só a perda dos heroes, sentia tambem não morrer tão dignamente. O que quiser merecer a estima publica deve imitar Joaquim da Rocha Mazarem: o que se sentir vacillar na carreira do magisterio recorde-se da assiduidade incançavel, do grande zelo com que o professor exercia suas laboriosas occupações, e ganhará animo para vencer as difficuldades. Quem o souber imitar na resignação philosophica com que disse o ultimo adeus ao mundo, será digno de admiração.

Qual foi porém a remuneração dos seus longos serviços?

Havia quatro annos que requeria ser jubilado, e nada alcançou.

Se a fortuna o não tivesse acompanhado na vida clinica, teria deixado sua familia na miseria. — Não houvera sido o primeiro. —

NORAS APERFEIÇOADAS.

71 Estabeleceu-se na ilha de Malhorca uma sociedade, que solicitou do governo hispanhol privilegio exclusivo para a introducção de umas *nóras aperfeiçoadas de ferro coado.*

A companhia offerece-se para as collocar, onde os lavradores as desejem, e pol-as em estado de poderem logo começar a trabalhar.

Estas noras são de uma grande solidez, e apenas requerem por anno que se pintem as cadêas e caixas de madeira que as compoem, e de 5 a 6 renovação das mesmas caixas de madeira.

Além da vantagem da duração sobre as antigas, teem tambem a de extrahir o dobro da agua que extraem as ordinarias, e exigir metade da força que se emprega nas antigas para obter uma egual quantidade de agua.

Estas noras por meio de um apparelho particular, são susceptiveis de ser movidas pelo vento nas localidades proprias.

Extracto do *El Amigo del País.*

ACÇÃO DA TEREBINTHINA SOBRE O VIDRO.

72 M. Dujardin, chimico francez, descobriu que a essencia de terebinthina applicada ao vidro, exerce nelle uma forte acção, da qual se póde tirar grande partido, quando se queira lavral-o, limal-o ou polil-o.

O chimico francez explica este facto suppondo que o vidro se acha em estado de cristalisação confusa, e que a essencia de terebinthina mettendo-se entre os póros das particulas vitreas, tende a diminuir a sua adherencia.

Ás pessoas encarregadas de trabalhar nos vidros compete investigar este phenomeno, donde lhes póde resultar proveito e diminuição de trabalho.

* *

MODO DE BRANQUEAR AS ESPONJAS.

73 Ponham-se as esponjas, que se pertenderem tornar brancas, de molho em agua fria, que se mudará cada duas ou tres horas: quando se mudar a agua espremam-se muito bem as esponjas em uma prensa. Este trabalho emprega-se successivamente por espaço de cinco ou seis dias, findos os quaes ellas se podem reputar bem limpas, para poderem ser submettidas ao processo do branqueamento.

Se as esponjas contiverem no seu interior pequenas pedras, como de ordinario succede, poem-se de molho, por espaço de 24 horas, em acido hidrochlorico (espirito de sal) diluido em 20 partes de agua. Findas as 24 horas, lavam-se em agua bem pura, e se mergulham em acido sulfuroso, que marque quatro graus no areometro de Beaumé. Por espaço de 8 dias devem estar mergulhadas neste acido, devendo haver o cuidado de vez em quando de as tirar de dentro do acido sulfuroso, e de espremel-as na prensa. Concluidos os oito dias tiram-se do acido, e deixam-se em agua corrente, por espaço de 24 horas, para ficarem bem lavadas, e poem-se a seccar ao ar livre. Quanto mais finas são as esponjas menos custam a branquear.

* *

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO I.

Ao desembarque.

74 No dia 1.º de agosto de 1666, ao caír da tarde, uma falúa atravessava o Tejo, em direcção a Lisboa, impellida pelo vento, que soprava rijo, e pelo esforço de seis vigorosos remeiros. A falúa vinha de Aldêa Gallega, e trazia grande numero de passageiros, gente do campo e almocreves, que facilmente se distinguiam pelos seus chapéus de lã de abas largas e copa baixa, a que denominavam então *chapéus de regateira*, grandes capas pardas com que se cobriam, e polainas prezas com fivellas de ferro.

Entre os passageiros havia um, que pelo trajo se conhecia ser militar, e pelas insignias capi-

tão de infanteria. Trazia vestida uma coura de anta, na cabeça uma gorra simples; ao lado pendia-lhe a espada, presa de um talim bordado, e uma adaga luzia-lhe no cinto. Este homem teria uns vinte e quatro annos; era alto e bem proporcionado, rosto comprido e trigueiro, olhos vivos e negros, cabellos annellados caídos até aos hombros, e bigode alevantado nas pontas, de modo que lhe assombrava as faces.

Os olhos do moço capitão seguiam com curiosidade os gestos de um soldado velho, que lhe indicava com o dedo e lhe dizia o nome de cada um dos edificios da antiga Lisboa, que do Tejo se podiam descobrir. A admiração do capitão era grande; mas a verbosidade do soldado *ciceroni* ainda era maior.

— Vê v. mc., — dizia o soldado — aquella egreja que fica aqui mesmo defronte, com torres altas e toda de pedra? É S. Vicente de fóra. Alli é que vão a enterrar as pessoas reaes. — A ultima vez que eu estive em Lisboa, levaram para lá um caixãosinho, em que diziam que ía um infante, filho bastardo de El-Rei. Mas, — continuou o soldado em voz baixa e pondo a bocca aopé do ouvido do mancebo — a gente de juiso e o meu amigo José Chanca, çapateiro de um dos mulatos de Sua Alteza, e que sabe muito das coisas da corte, disseram que tal não era; que o caixão ía vazio, e que El-Rei não tinha nem podia ter filho algum, porque...

— E que fortaleza é aquella acolá, no cimo daquelle monte? — Perguntou o capitão, interrompendo as confidencias do soldado.

— É o castello, Sr. Francisco d'Albuquerque, o castello de Lisboa. Boas muralhas são aquellas; algumas ainda do tempo dos moiros. Ha no castello um canhão tão grande, que quando atira faz tremer toda a cidade: é maior do que as *duas irmãs*, com que os castelhanos metteram tão grande medo aos de Jerumenha, quando D. João de Austria a sitiou. — Conheci alli perto, na rua que chamam de S. Christovam, uma velha que sabia muitas profecias, e que muitas vezes me disse, que já não estava longe o dia em que o nosso rei D. Sebastião ha de voltar...

Francisco d'Albuquerque, que sabia ser o soldado um sebastianista exaltado, um fanatico e louco sebastianista, como havia tantos naquelle tempo, interrompeu a torrente de profecias que estava para lhe caír em jorros sobre a paciencia.

— Dize-me cá, Diogo Cutilada, — que assim se chamava o soldado, por ter recebido uma cutilada, na memoravel batalha do Ameixial, que lhe deixou a face direita rasgada de alto abaixo por uma funda cicatriz — dize-me, onde fica o paço?

— É alli. Não vê v. mc. aquelle largo grande, que fica á esquerda aopé da praia, com um caes de pedra? É o Terreiro do Paço. O palacio lá está com as suas arcadas, e o seu grande eirado; pegando com a caza da India. O forte fica pela parte de traz: é alli que foi por muito tempo o quarto d'El-Rei, em quanto a Rainha mãe esteve no paço...

— Mandaram-no para lá, porque chamava para o paço os vilões e os mulatos da cavalharice, e armava brigas no pateo do Leão; não é assim?

— É verdade: a Rainha não gostava do Sr. D. Affonso VI; porque elle era... fazia muitas acções que escandalizavam a todos. — Quando eu estava ao serviço do Sr. Duque de Cadaval, ha já seis annos, vi eu uma tarde, alli no terreiro do palacio, uma caçada publica, em que os mulatos d'El-Rei lançavam, contra cachorros, ferozes libréus, que tinham vindo de Inglaterra. El-Rei estava com o Conti; e quando via os pobres cachorros rasgados pelos dentes daquellas féras, que assim se póde chamar áquelles cães inglezes, ria muito e batia as palmas. Ah! quando vier El-Rei D. Sebastião, então...

— Onde é a caza do Sr. Infante? — atalhou o capitão.

— Alli — respondeu Diogo Cutilada, apontando com o dedo para o *Côrte-Real*, que ficava proximo ao Corpo-Santo.

— Dizem que Sua Alteza acompanha tambem El-Rei, quando anda de noite pela cidade a espancar as rondas?

— É falso, é falso. O Sr. Infante é um santo. Elle leva muito a mal as desordens de El-Rei. Muitas vezes o ouvi dizer em caza do Sr. Duque; e depois mo tem confirmado o meu compadre José Chanca.

Pouco tempo depois a falúa chegou ao Cáes dos Mouros que ficava na Ribeira; e o nosso Capitão, acompanhado de Diogo Cutilada, saltou em terra.

O soldado que conhecia Lisboa por ter nella vivido por muito tempo, foi conduzindo Francisco d'Albuquerque para as portas da Ribeira. Seguiram a rua chamada do Vêr-o-pezo; entraram n'uma outra rua que ía dar pela Padaria á porta do Ferro, que então existia proximo á Sé.

Quando o capitão Francisco d'Albuquerque, e o seu creado velho, chegaram á Sé, já era quasi noite escura. Nas ruas andava muita gente ainda; mas as tendas começavam a fechar-se, e as luzes a brilharem pelas gelosias dos balcões.

Depois de se orientar naquelle labyrinto de ruas e becos que vinham dar ao largo da Sé, Diogo Cutilada encaminhou-se para uma coisa que mais parecia estreito corredor do que rua, e que tinha por nome becco dos Seguros.

Neste becco não penetravam os ultimos clarões do crepusculo; alli as trevas eram tão densas como n'um subterraneo. Caminhando encostados ás paredes das cazas, para não caírem, os dois militares chegaram a uma porta baixa e estreita, que estava apenas cerrada. O soldado bateu com a coronha do mosquete na porta, que se abriu com estrondo: e dizendo ao Capitão — É aqui a Estalagem do *Alémtejo*. Suba com cautela, Sr. Capitão, porque a escada é ingreme e escorregadia — começou a subir, dando a mão a Francisco d'Albuquerque, uma escada de pedra, cujos degráos quebrados e cobertos d'uma espessa camada de lodo, tremiam debaixo dos pés.

Pelas fendas d'uma porta, que do primeiro andar deitava para a escada, saíam alguns raios tenues d'uma luz frouxa e incerta, e os sons de muitas vozes que fallavam alto, e riam desafogadamente. Diogo Cutilada abriu esta porta, e dando logar ao seu superior para passar primeiro, entrou depois, e tornou a pôr a porta no fêcho.

A sala da Estalagem do Alémtejo, era uma caza immensa, de telhavã; apenas alumiada por duas candêas de ferro, penduradas nas paredes que ficavam nos extremos da caza. As paredes mal rebocadas, e o ladrilho suavam agua apezar da estação. Quatro mezas de pinho compridas, mal geitosas e sujas, cobertas com toalhas de *bragal* pouco brancas; oito bancos tambem de pinho, que apenas se podiam suster nos pés desiguaes e tortos, collocados parallelamente de um e outro lado de cada uma das mezas, uma grande arca de madeira negra, tres ou quatro cadeiras, um enorme cantaro de agua, tapado com um têsto sobre que estava emborcada uma pucara de barro; e um como tropheo formado pelo cossoleto, o pique e o murrião do estalajadeiro, que tinha n'outro tempo servido como piqueiro n'um terço de infantaria, eis o que constituia a mobilia desta triste caza.

Sentados a uma das mezas estavam ceando alguns almocreves e um frade gordo e rubicundo, que os fazia rir com os contos, que lhes contava. Eram as vozes, e as gargalhadas desses almocreves, que os nossos viajantes ouviram da escada.

A entrada dos dois militares fez parar a conversa jocosa, e a cêa do frade e dos seus companheiros. O estalajadeiro, homem rotundo de mediana estatura e sem pescoço, levantou-se da arca em que estava assentado, e aproximou-se dos seus hospedes recemchegados.

— Que tem para a cêa, mestre Pedro, — perguntou Diogo Cutilada, — que tem por cá que se coma?

— Pouca coisa, camarada, para dar a um Capitão, que chega da guerra. — Aqui o estalajadeiro saudou militarmente a Francisco d'Albuquerque. — Temos ahi só um pouco de figado de porco guizado, bacalhau cosido e sardinhas para assar.

— Traga-nos do tal figado guisado, — disse Francisco d'Albuquerque, sentando-se a uma das mezas, e fazendo um gesto a Diogo para o convidar a que se sentasse do lado opposto.

Diogo encostou o mosquete a um canto da caza, e veio sentar-se defronte de seu amo.

Mestre Pedro chegou a uma das portas que deitava para as cazas interiores, e ordenou que tronxessem o guisado que os seus hospedes tinham pedido.

Em quanto Francisco d'Albuquerque e o seu criado esperavam pelo figado de porco, os almocreves e o frade, que haviam interrompido a conversa e a cêa para os observarem curiosamente, tinham de novo recomeçado a cumprir estas duas importantes tarefas.

— Se a Rainha — disse o frade levando á boca metade de uma sardinha assada, que elle tinha separado das espinhas com os proprios dedos. — Se a Rainha vem a Portugal para achar um Rei, está servida, mas se procura um homem, então . . . — Neste momento o frade levantou os olhos para os dois militares, e vendo que elles o escutavam, julgou prudente não acabar a fraze.

— El-Rei é valente: — disse um dos almocreves rindo.

— E bom toureiro, — acrescentou outro.

— E eu que o diga, — murmurou Diogo Cutilada, que estava morrendo por entrar tambem na conversa.

— Então que viu de El-Rei, camarada, para poder julgar da sua valentia? — perguntou o fra-

de, que tinha ouvido as palavras de Diogo.

— Talvez o visse na guerra: — disse o estalajadeiro, que tinha tomado o seu logar sobre a arca colocada de proposito ao pé da porta, que estabelecia communicação entre a sala e a cozinha.

Estas palavras produziram uma grande hilaridade na assemblea. E os dois militares não foram dos que menos riram. Era sabido de todos que, quando os hispanhoes em 1663 tomaram Evora, e muitas povoações do Alemtejo prestaram pelo terror juramento de vassalagem nas mãos de D. João d'Austria, D. Affonso VI tinha, por damasiada prudencia ou talvez por cobardia, preferido os conselhos daquelles que lhe recommendavam que permanecesse na côrte, a cuberto dos perigos da guerra, aos daquelles que lhe mostravam a necessidade que em tão criticas circumstancias havia de elle ir tomar o seu logar á frente do exercito do Alemtejo.

Diogo Cutilada, depois de dar tempo á hilaridade para se expandir em sonóras gargalhadas, respondeu deste modo á pergunta do rotundo e jocoso frade. — Da sua valentia posso eu dizer alguma coisa, porque o vi atacar em certa noite uma ronda ali ao Rocio...

— Mas ía só?

— Não. Ía, com a sua companhia de cavallo, a que chamam a *patrulha alta*...

— É toda má, essa gente de que se compoem as patrulhas, tanto a *alta* como a *baixa*. Foram homens recrutados entre os facinorosos: — acudiu o estalajadeiro.

— Eu — disse o frade endireitando magestosamente a cabeça sobre os hombros espadaudos — eu já uma noite tive de luctar com alguns dos da patrulha baixa; mas fugiram... — E dizendo isto mostrou por debaixo do habito uma daquellas facas destinadas para arremeçar ao longe, e de que naquelle tempo se fazia muito uzo.

— Na tal noite — proseguiu Diogo — vi eu, como ia dizendo, El-Rei atacar uma patrulha de paisanos, e atropelar alguns; e se não fosse o Infante, El-Rei estaria a esta hora morto.

— Pois Sua Alteza, tambem ia? — perguntou o frade, fazendo um gesto de incredulidade.

— Ia. Foi Sua Alteza que deu um tiro de pistola n'um dos da ronda que tinha apontado o arcabuz para El-Rei, e o matou.

— Fallou-se muito disso na côrte, agora me lembro. Os inimigos de Sua Alteza, — disse o frade, procurando dar á voz a expressão da virtude indignada pelos crimes dos máos; expressão que produsia um contraste singular com o gesto que pouco antes elle tinha feito ao fallar da patrulha baixa, — os inimigos de Sua Alteza acusaram-no então de têr commettido uma morte. Os máos sabem sempre aproveitar as occasiões para desacreditar os grandes e os bons! Que havia Sua Alteza de fazer, vendo o irmão em tão grande risco?..

— É verdade, que havia de fazer Sua Alteza! — exclamaram muitos dos individuos que escutavam Fr. Antonio da Redempção; que assim se chamava o gordo do frade.

Como se vê por esta parte da conversa, que deixamos relatada, todos os hospedes da estalagem do *Alemtejo*, pertenciam ao partido, que já naquelle tempo se começava a formar a favor do Infante D. Pedro que depois foi rei, e contra Affonso VI.

— El-rei — acudiu Francisco d'Albuquerque, que até alli se tinha conservado calado — El-rei resarciu, ao que me disseram, o mal que por sua causa se fez, dando á viuva renda bastante, e casando-lhe as duas filhas que tinha.

— Foi o Infante quem lhe pediu que o fizesse — interrompeu o estalajadeiro.

— Sua Alteza tem um excellente coração; — disse Fr. Antonio da Redempção — não é como... Pobre senhora! vir de tão longo para... sêr mulher de... Sua Magestade.

— El-rei em sendo casado — atalhou o capitão, que apesar da sua dedicação ao Infante, que não conhecia e que julgava tão virtuoso como o pintavam os seus partidistas, não podia ouvir fallar mal de D. Affonso VI — hade mudar de costumes; hade deixar a vida desregrada que leva, quando a Rainha chegar. Sua Magestade lembrar-se-ha que é rei: e nós devemos lembrar-nos que somos portuguezes.

Estas palavras quasi severas do mancebo, foram seguidas de um longo silencio, apenas interrompido pelo tinir dos pratos e o rumor dos dentes a trabalharem.

A cêa dos dois militares já tinha chegado e começava a desaparecer com uma incrivel rapidez.

O primeiro que rompeu o silencio foi Diogo Cutilada, que perguntou ao estalajadeiro se já se sabia ao certo quando chegava a Rainha.

— As náos de França já ha dois dias estão á vista da costa. Espera-se que poderão entrar

ámanhã, porque o vento mudou esta tarde — respondeu o estalajadeiro.

— Ámanhã! — exclamou Francisco d'Albuquerque. E pondo-se de pé e deitando sobre a meza um tostão de prata, disse: — Aqui tem para se pagar, mestre Pedro. Agora diga-me o caminho para caza do Sr. Infante, porque tenho de para lá ir esta noite mesmo.

Estas palavras causaram grande sensação na assembléa. Os olhos do frade e dos seus companheiros voltaram-se com admiração e respeito para o capitão, que ia ter a honra de entrar na caza de Sua Alteza.

— Eu sei o caminho — acudiu Diogo — sei-o muito bem porque o tenho andado muitas vezes.

— Então vamo-nos — replicou o capitão voltando-se para elle.

— Tomem cautella, porque as ruas não são seguras a esta hora — disse Fr. Antonio.

— Não tem duvida — redarguiu o moço militar, mostrando a espada que trazia ao lado e o mosquete de Diogo.

— Deus os acompanhe e os guarde — concluiu o frade em tom de beato.

Depois de se despedirem dos seus companheiros da cêa, os dois militares sahiram da estalagem do *Alemtejo*, para irem a caza do Infante.

(Concluir-se-ha.)

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

ZILLA.

Romanco.

(Continuado de pag. 31.)

75 « Zilla, Zilla, vem querida; »
O velho pae extremoso,
Chamava por ella ancioso,
Com a voz cava e sentida;
Que era já noite cerrada,
E nos seus tremulos braços,
Não tinha a filha adorada:
Ergueu-se; e os incertos passos
Para a janella rasgada,
Vagaroso encaminhou;
D'alli co'a voz suffocada,
Por ella outra vez chamou;
Mas debalde que a donzella,
Ao chamar não respondeu:
« Pagem, pagem! » n'um instante
O mancebo appareceu,
Tinha mudado o semblante,
De sobresalto, e terror;
O ancião estremeceu,
Resfriar sentiu o peito,
E com voz que humano effeito
Não podéra revelar,
Pela filha perguntou;
Palavras entrecortadas
Ia o mancebo soltar;
Mas o pae não o escutou
Que outra voz mais alta e forte
No coração lhe bradou:
Era o instincto do amor,
Que de salto lhe dissera,
Que a sua filha querida,
Naquelle instante perdêra.

XVI.

Na salla a voz forte,
Do velho soldado
Tremenda reboa:
Do palor da morte,
Nas faces o cunho
Tem elle estampado;
Mas firme a voz soa:
Com a espada em punho,
Para a gente acena,
E a prompta partida,
Energico ordena.

Calaram-se todos:
As armas cingiam,
E apenas se ouviam
As vozes bradando,
Dos chefes mandando;
E as longas escadas,
Ligeiros descendo,
E o som das espadas
Nas lages batendo.

Em poucos instantes,
O esquadrão descêra
Do valle a quebrada;
Depois sobre o tope,
Do oiteiro apparecêra;
E a selva copada
Em breve o escondêra.

E. A. DE BULHÃO PATO.

(Continúa.)

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO II.

Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate!

(Continuação.)

76 — Se o senhor pede — jogaremos o monte! — disse o banqueiro com uma mansidão inesperada.

Os jogadores olhavam-se estupefactos por aquelle rasgo inaudito de condescendencia.

Abusa-se tanto hoje da descripção, que sabe Deus quantas paginas passarão intactas pelas mãos dos leitores, para chegarem mais facilmente ao desenlace!

E não ha rasão. Que seria da influencia de certos romancistas, se elles despresassem esse talento, que é quasi sempre o fundamento de toda a verdade nos costumes e na philosophia social?

É que os caracteres, é que as paixões, tem a sua fórma essencial, que os distingue. Assim como Cuvier, com um fragmento ignorado d'um animal fossil, reconstruia os mundos anti-diluvianos, um fino observador póde ás vezes, por uma circumstancia vulgar, conceber a existencia de muitos individuos, desenhar-lhes as tendencias, e esboçar o drama pungente da sua vida.

O banqueiro, olhado passageiramente, tinha uma phisionomia vulgar. Era um homem de trinta e cinco annos talvez, consumidos pelas vigilias e pelas emoções, de cabellos negros, e já semeados de cans, com as fontes traçadas de rugas; o sorriso habitualmente lithographado nos labios, não tinha expressão, porque era menos um gesto, do que uma mascara: mas era nos olhos, que se presentia a profunda corrupção do seu caracter, e a avidez cubiçosa que o consumia: o seu olhar, umas vezes baço, e envidraçado, parecia recolher a luz, e empregar-se n'uma contemplação intima: outras vezes, faiscava e brilhava, como se todas as paixões da alma lhe rebentassem em sinistra explosão. Era ao mesmo tempo um homem de calculo, e um homem de acção: a sua dupla natureza revelava-se-lhe, depois de algumas horas de convivencia.

O jogo começou de novo, e a sorte foi ainda desfavoravel a Mauricio.

Chegou um momento em que elle se levantou, e lançou o ultimo pinto a uma carta, dizendo negligentemente: «É a minha ultima parada!»

— Perdeste, disse outra vez o estudante, a dama é uma carta de embirração!

O banqueiro, depois de haver carteado, parou de jogar.

— Meus senhores, disse elle com placidez, acabou o jogo. Era a este senhor a quem eu queria dar a desforra, — e apontou para Mauricio, — julgo que já são horas de nos retirarmos!

Depois, dirigindo-se para Mauricio, perguntou-lhe com uma voz meiga e affectuosa: — «Precisa de dinheiro?»

Mauricio olhou para elle fixamente. Era a primeira vez que este banqueiro fizéra uma proposição tão extraordinaria a um ponto infeliz. O resto dos jogadores interrogavam-se, perguntando silenciosamente com os olhos o motivo d'uma similhante excepção nas leis inflexiveis d'uma caza de jogo.

O primeiro movimento do mancebo foi recusar. Depois, hesitando um momento, disse com as faces affogueadas de rubor; «Acceito por pouco tempo!»

Quem olhasse depois destas palavras o banqueiro, havia de vêr um gesto pronunciado de alegria no seu rosto.

Ambos se deram familiarmente o braço, e sairam.

— Aposto a minha cabeça, bradou o estudante, e não aposto lá grande coisa, que Mauricio teve alguma herança, sem que elle o saiba!

— Ou que lhe chegou do Brazil algum tio, com a missão paternal de lhe dar estado! — atalhou o outro.

— Temos, não tarda, algum terremoto!

— Estâmos proximos do dia de... juizo!

— Elle é que estava n'um dia... de pouco juizo!

Estes ditos cruzaram-se com a rapidez do relampago.

— Para que estão a quebrar a cabeça, — disse um velho jogador encanecido nos mysterios da gata, dos *dobles*, e do dado empalmado — aquillo é negocio de mulher.

— Pois Mauricio tem alguma mulher?

— Linda como um anjo, e meiga como uma pomba! — atalhou o estudante.

— Já a viste tu, disse outro?

— Entre vidros, como as reliquias, respondeu chocarreiramente o estudante!

— Um jogador apaixonado! está o mundo perdido, bradou o *olheiro* dando uma risada!

— Aposto que a mulher se parecia com a dama de oiros ou de copas. . . . , acudiu outro jogador?

— É-lhe então infiel — atalhou o estudante — porque o seu ultimo pinto foi-lhe levado pela dama d'um desses naipes.

O banqueiro entrou depois, esfregando as mãos.

— São tres horas da noite: a caza vai-se fechar!

— Boas noites!

E dahi a pouco aquella habitação estava entregue ao silencio.

CAPITULO III.

O amor n'uma agua-furtada.

Mauricio dirigiu-se para uma das ruas do bairro de Alfama. Eram tres horas e meia da manhã.

Abrira mansamente a porta da rua e subira os tres andares de uma caza situada naquelle informe e espaçoso largo do * * * *

Bateu discretamente tres pancadas, no ultimo andar, e uma velha veio-lhe abrir a porta.

A caza, para onde entrou, denunciava a mizeria da sua existencia.

Uma mulher dormia socegadamente em cima do canapé. Ao vêr, ao clarão tremulo do candieiro, aquelle corpo fragil, envolvido n'um roupão branco, aquelle rosto pallido, mas sereno, as suas mãos meias escondidas nas ondas negras do seu cabello desatado, dir-se-hia uma virgem, repousando no seu tumulo de marmore.

No meio da caza estava uma meza, coberta de papeis, e cheia de livros. A um canto, ardia uma lamparina diante da imagem de Jesus crucificado e de Nossa Senhora.

Mauricio, ao vêr aquelle espectaculo de santa resignação e de fé silenciosa, sentiu um profundo enternecimento. A sua alma de poeta não pôde resistir áquelle martyrio supportado nobremente, áquella angustia que se aproximava do céu, porque já começava a dezesperar da terra. Encostou a cabeça ás mãos e chorou.

A mulher acordou ao som daquelle pranto: meia erguida sobre o canapé, olhou em roda de si, como para ter consciencia do que se passava: depois, reconhecendo Mauricio, levantou-se n'um pulo e correu para elle.

— Porque choras assim, Mauricio? O que te aconteceu? . . . Ah! já sei! Bem m'o dizia o coração! . . . Foste infeliz! . . . É que adormeci, sem rezar por ti!

E escondeu o rosto no seio palpitante do mancebo.

— Paulina! Quantas vezes te tenho dito, que não esperes por mim? Estás doente, estás pallida, para que has-de velar até tão tarde?

— E posso eu dormir sem ser ao teu lado? D'antes, passavas comigo de dia e de noite. . . Agora! oh! agora! . . . E a voz ficou-lhe preza nas lagrimas, que lhe affogavam o peito.

— É que tu, pobre mulher, não comprehendes a minha alma. . . . , e Deus te livre de sentir o que eu sinto, de pensar o que eu penso, de soffrer o que eu soffro!

E Mauricio affastou Paulina levemente de si, e caíu n'uma profunda meditação.

Paulina olhava-o com o olhar vago da admiração, com a attenção importuna da curiosidade. Ella, que se achava feliz na sua mizeria, feliz de amar, feliz de soffrer por elle, mal podia conceber que houvessem outros cuidados, além dos que importam a satisfação de uma existencia vulgar e mesquinha, outra ambição, que não fosse a de se sentir amada! . . . Conhecia instinctivamente que havia entre ambos um abysmo, — mas, innocente e candida, julgava que no coração de um homem não poderiam existir pezares, que as palavras de uma mulher não podessem consolar — que na cabeça de um poeta não havia pensamento, que não podessem ser adormecidos com um beijo affectuoso e ardente!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 7 de Novembro.

DIARIO N.° 258.

77 Nota das épochas em que se devem abrir os cofres nos differentes districtos do Reino para a recepção da decima e impostos annexos do anno civil de 1849.

Instrucções pelas quaes deve ser regulada a escripturação e fiscalisação da receita a despesa a cargo da Administração dos Correios e Postas do Reino.

DITO N.° 259.

Programma das disciplinas que hão de ser ensinadas nas differentes cadeiras da Eschola do Exercito no anno lectivo de 1849 a 1850.

BENEFICIO DO SR. KONTSKY.

78 Mais uma vez o publico teve a satisfação de ouvir, este celebre pianista e de o coroar com muitos applausos. A noite do seu beneficio no Theatro de S. Carlos, esteve brilhante e além das peças executadas no piano pelo Sr. Kontsky a orchestra tocou uma symphonia composta pelo beneficiado, que foi ouvida e apreciada como peça de muito merito; mormente o final que produz um effeito grandioso.

FALLECIMENTOS.

79 Morreu em Lixa o Sr. Murta, pae do actual Secretario do Governo Civil de Braga.

Em Braga falleceu, com 25 annos, a Ex.ma Sr.a D. Thereza Adelaide Dias Peixoto; foi sepultada na Egreja da Congregação do Oratorio.

Haverá dois mezes que visitando os diversos estabelecimentos da Academia Real das Sciencias, encontrámos em uma das salas do seu Museu um homem, que por amor da sciencia estava attentamente classificando todos os exemplares de conchiologia: — nesta parte a collecção do Museu é copiosa e até muito duplicada.

O homem a quem nos referimos era o Medico Francisco Thomaz da Silveira Franco. O seu amor ao estudo o fizera acceitar o honroso encargo de classificar o Museo da Academia.

É sabida a completa e variada educação que SS. MM. dão a seus augustos filhos. Para desenvolver mais a sua instrucção possuem SS. MM. um Museo comprehendendo exemplares de varios productos da natureza. O Sr. Franco estava tambem incumbido da classificação deste real Museo.

No dia 29 de Outubro proximo, a morte findou estes assiduos trabalhos e os amigos da sciencia e da probidade choraram a perda do Sr. Franco da Silveira.

Havia nascido a 5 de Fevereiro de 1797. Formou-se em Philosophia na Universidade de Coimbra em 1821, e em Medicina em 1824. Foi excellente estudante, e por este motivo lhe offereceram o capello de graça com a condição de ficar na Universidade como oppositor de Philosophia. Não pôde acceitar porque sendo o seu trabalho o sustento da sua familia, que nunca desamparou, teve que preferir a clinica á carreira do Magisterio. Serviu por algum tempo no Hospital de S. José e ahi regeu uma cadeira. Em 1833 foi a Evora por ordem do Governo tractar dos cholericos, e com as observações que então fez, redigiu uma memoria que offereceu á Academia Real das Sciencias.

Ha pouco tempo foi nomeado Vice-Presidente do Conselho de Saude Publica.

Morreu respeitado e pobre e deixou uma irmã de quem era unico amparo.

PHENOMENO CURIOSO.

Lemos na *Revista scientifica* do supplemento do jornal francez o *Peuple* a seguinte curiosa explicação de um phenomeno curioso: —

80 «M. Boutigny acaba de descobrir uma explicação aos maravilhosos contos, que a prova do fogo deu nascimento. Havia já alguns annos que M. Roché tinha dito a M. Boutigny que um homem de grande corpulencia, da edade de 35 annos, andava com todo o vagar e com os pés descalços sobre o ferro fundido que escorria da forja. Mais tarde o mesmo M. Boutigny encontrou no Franche Comté, M. Michel que lhe contou ter visto um operario da fundição de Lure metter um dedo n'um jorro de ferro derretido. Um empregado da mesma fundição praticou o mesmo; o que indusiu M. Michel a tentar por si mesmo a experiencia. Nestes tres casos o dedo não tinha sido molhado, e em todos elles não houve o menor signal de queimadura.»

«M. Boutigny verificou depois por si mesmo este facto, mettendo uma das mãos em um jorro de 50 a 60 centimetros de cargo de ferro derretido, que escorria da forja, e a outra no deposito do ferro em fusão, e retirou-as sem a menor lesão.»

«M. Boutigny ha já muito tempo que demonstrou que no estado espheroidal a agua tem a propriedade de reflectir os raios do calorico, e que a sua temperatura nunca chega a da agua a ferver. É por esta theoria que elle explica os diversos resultados das suas experiencias: quando se colloca a mão sobre um metal em fusão, a humidade, que vem á pelle, passa ao estado espheroidal, reflecte os raios do calorico, e não aquece bastante que chegue á temperatura da agua a ferver: ficando a mão por assim dizer isolada.»

«M. Boutigny não se contentou com as experiencias feitas com o ferro derretido; verificou-as tambem com o chumbo, com o bronze, e sempre obteve o mesmo resultado.»

SALTEADORES.

81 A 26 de Outubro, o logar da Cortegaça, freguezia de S. Martinho, concelho de Fafe, foi assaltado por uma quadrilha de ladrões; roubaram o que encontraram: carregaram cavalgaduras com o roubo, e tomaram o caminho de Amarante. consta que nos arrabaldes tinha havido roubos identicos, e feitos com egual descaro.

RABEQUISTAS.

82 Chegaram ao Porto dois tocadores de rebeca, um com 12 annos, o outro com 7, na companhia de seu pae, o Sr. Uguccioni, professor de muzica. Deram concertos no Rio de Janeiro, e o mesmo tencionam fazer no Porto. Tem corrido as principaes cidades da America ingleza e hispanhola.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 7 de Novembro.

83 Fundos publicos de 5 por cento, tem-se fran-

camente por 54 ou 55 por cento. Acções do Banco de Portugal, subiram a 440$000 réis, havendo algumas transacções por este preço. Desconto de notas 920 réis por moeda.

Cereaes em 7 de Novembro.

Trigo do reino rijo....	de 350 a 440	réis a bordo.
» » molle.	de 410 a 450	» »
» da ilha........	de 330 a 380	» »
Milho do reino........	de 220 a 230	» »
» da ilha.........	de 180 a 190	» »
Cevada do reino......	de 190 a 200	» »
» da ilha.......	de 170 a 180	» »
Centeio do reino.....	de 210 a 220	» »

Estado do mercado, em 7 de Novembro.

Algodão de Pernambuco	115 a 120 réis.
» do Ceará..................	Não ha.
» do Maranhão	100 a 110 »
» do Pará..................	Não ha.
» da Bahia.................	105 a 110 »

Tem paralizado mais as vendas, em virtude dos possuidores sustentarem os maiores preços.

Assucar de Pernamb. B. 1.ª e 2.ª sorte.	1$400 a 1$500 réis.
» » B. 3.ª e 4.ª sorte.	1$300 a 1$350 »
» » B. 5.ª e 6.ª sorte.	1$200 a 1$250 »
» do Rio B..........	1$200 a 1$350 »
» da Bahia B........	1$200 a 1$350 »
» mascavado novo.....	1$050 a 1$100 »
» » velho...	$850 a 1$000 »

Continúa frouxo o mercado, limitando-se as vendas simplesmente ao consumo.

Caffé, 1.ª sorte...........	1$900 a 2$050 réis.
» 2.ª »	1$800 a 1$850 »
» 3.ª »	1$650 a 1$750 »
» Escolha............	1$050 a 1$100 »

Pequenas vendas para o consumo.

Cera de Angola B..........	$230 a $235 »
» » A..........	$225 a $226 »

Não houve vendas.

Marfim de lei..............	$950 a 1$000 »
» meão................	$830 a $850 »
» escravelho..........	$550 a $600 »

Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella..........................	5$900 a 6$100 »

Não nos consta que houvesse vendas.

Praça do Porto. — O correio que daqui sahiu no dia 30 de Outubro, para Guimarães, foi roubado — levaram-lhe dinheiro e cavalgaduras: — é para lamentar que os roubos dos correios se vão repetindo. Em Celorico de Basto fez-se uma tomadia de cobertores hispanhoes. O trigo está a 600 réis — milho, 300 réis — cevada, 240 réis.

PRAÇA DE LONDRES.

Em 26 de Outubro.

84 Foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco..............		$197\frac{1}{2}$	$198\frac{1}{2}$	Por 100.
Consolidados.......	3 p. %	$92\frac{1}{2}$	$92\frac{5}{8}$	»
Redusidos.........	3 »	$91\frac{1}{8}$	$91\frac{1}{4}$	»
Fundos............	$3\frac{1}{4}$ »	$92\frac{1}{2}$	$92\frac{5}{8}$	»
Exchequer bills de Março..		41	44	Premio.
» » de Julho..		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas............	$4\frac{1}{2}$ »	87	88	Por 100.
Brasileiros.........	5 »	83	85	»
Dinamarquezes.....	3 »	72	74	»
Hispanhoes.......	5 »	$16\frac{1}{4}$	$16\frac{5}{8}$	»
Ditos.............	$3\frac{1}{2}$ »	$33\frac{3}{4}$	$34\frac{1}{4}$	»
Hollandezes.......	4 »	$82\frac{1}{2}$	83	»
Ditos.............	$2\frac{1}{2}$ »	$53\frac{3}{4}$	$54\frac{1}{2}$	»
Mexicanos.........	5 »	$26\frac{1}{4}$	$26\frac{1}{2}$	»
Portuguezes........	4 »	$32\frac{1}{2}$	$33\frac{1}{2}$	»
Ditos consolid. 1841.	—	$31\frac{1}{2}$	$34\frac{1}{4}$	»
Russos............	5 »	107	109	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa..................	$53\frac{1}{4}$		Por 1$000 rs.
Porto...................	$53\frac{1}{4}$		»
Rio de Janeiro..........	26	$26\frac{1}{2}$	»
Paris...................	25 70	25 75	Lib.

BIBLIOGRAPHIA.

85 COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.* — Publicou-se a 8.ª folha do tomo 2.° — Vende-se a 20 réis a folha, nas lojas do costume; e em Evora na do Sr. Gama.

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.° 82

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

Doze numeros..............	$600 réis.
Vinte quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos	2$400 »

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

— Publicações recebidas:

— Gazeta dos Tribunaes n.ºs 1132, 1133 e 1134.

— « Já é tarde » proverbio, pelo Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

Erratum. — Na pag. 46, col. 2.ª lin. 50 — onde está *illustre magistrado* — deve ler-se — *illustre negociante.*